

ESTUDOS E ORIENTAÇÕES MÉDICAS ÀS MULHERES INDÍGENAS EM MATO GROSSO DO SUL

RESUMO

Acadêmicos de Medicina da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, uniram forças para contribuir com o desenvolvimento e bem-estar de uma comunidade indígena do Estado. Preocupadas com o isolamento geográfico a que estão submetidas 230 mulheres da Aldeia Lalima, localizada na região pantaneira (Miranda-MS), iniciaram em 2001 um trabalho de promoção e educação sobre saúde. Nestes dois anos puderam vivenciar de perto o poder transformador do profissional quando assume seu papel de agente socialmente responsável. O trabalho começou com o levantamento do perfil da saúde da mulher daquela comunidade, buscando realizar atividades educativas junto à população socialmente excluída. Escolher como público alvo mulheres, em especial as que passam pela fase do climatério, deve-se ao fato da busca da dignificação de suas condições de vida, ampliando as possibilidades de construção de indicadores biológicos deste grupo.

JUSTIFICATIVA

A população indígena brasileira é superior a 734 mil, segundo dados do Censo 2000, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE. Representa, em termos demográficos, um pequeno percentual da população do Brasil, mas é um exemplo concreto e significativo da grande diversidade cultural existente em nosso país. Mais da metade da comunidade indígena está localizada nas regiões Norte e Centro-Oeste do país, ilhadas do direito à saúde, educação, lazer, emprego e outras condições básicas de sobrevivência. Em Mato Grosso do Sul o número chega a 32 mil indígenas, a terceira maior população do país (IBGE). Vivem em aldeias ou cidades e representam nove etnias: Atikum, Guarany (Kaiwá e Nhandéwa), Guató, Kadiwéu, Kamba, Kinikinawa, Ofaié, Terena e Xiquitano, de acordo com a Fundação Nacional do Índio, FUNAI.

A situação de vida dessas populações é, na maioria das vezes, precária. Os índios sobrevivem. Não apenas biologicamente, mas também do ponto de vista das tradições culturais. A falta de estrutura é também notada na área médica, tanto pelas tribos estarem localizadas distantes dos centros de atendimento quanto pela escassez de informação.

Preocupados com um desses cenários encontrados no Estado, acadêmicos do curso de Medicina da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, participantes do Programa "A UFMS vai à escola", propuseram um trabalho de atendimento a mulheres indígenas da aldeia Lalima, localizada no município de Miranda. A cidade, distante 194 quilômetros da Capital, tem uma população de 23 mil habitantes; destes, 48% vivem na zona rural. A economia baseia-se na cultura do arroz e na pecuária extensiva e já se dá início a criação do vitelo pantaneiro. No turismo, a cidade destaca-se por ser o portal de entrada do Pantanal, sendo forte no turismo ecológico, rural, ecoturismo e pesca extrativa. Miranda abriga sete comunidades indígenas, todas da etnia Terena, que vivem principalmente do artesanato em argila nas próprias aldeias.

Cerca de 1.300 índios vivem na Lalima, tirando sua subsistência da agricultura familiar, apicultura, artesanato e pequena criação de animais. Desse total, 230 mulheres têm sido acompanhadas pelos acadêmicos, com visitas a cada dois meses.

Os atendimentos à aldeia começaram em 2001, sob a supervisão das professoras orientadoras Maria Auxiliadora Budib, Tatiana Serra da Cruz (ginecologistas) e Marilana Geimbra Lima (mastologista), com intenção de levar educação e prevenção sobre osteoporose, doenças cardiovasculares e oncológicas, doenças sexualmente transmissíveis e planejamento familiar, socializando conhecimento e saber adquiridos na Universidade. Paralelamente a este trabalho seria realizado um levantamento sobre as mudanças físicas e comportamentais das mulheres durante o climatério, ainda desconhecido pela medicina atual. Esta fase pela qual a mulher passa, em especial, foi escolhida para dignificar suas condições de vida, ampliando as possibilidades de construção de indicadores biológicos deste grupo. Todo o trabalho na comunidade foi pensado com o cuidado de não interferir no seu cotidiano, costumes e crenças. Foram realizados exames físico-clínico e ginecológico completos como colpocitologia oncótica, colposcopia, mamografia, densitometria óssea, perfil hormonal e lipídico. Após o exame in loco, as aldeadas foram encaminhadas ao Hospital Regional de MS para descrição dos seus históricos de saúde. A partir desta informação, já foi possível direcionar as visitas somente para o trabalho educativo e orientacional, uma vez que a grande maioria nunca havia realizado nenhuma consulta clínica. Para os universitários, um dos principais aprendizados no contato com a comunidade está sendo perceber a relevância social da atuação médica, atuando na transformação e desenvolvimento da sociedade. Além da descoberta de que cada povo tem sua cultura e tradição, este conhecimento tem despertado uma consciência crítica quanto à necessidade de mudança e reposicionamento frente às questões sociais e saúde, sendo um espaço para análise, propositores de ações concretas e viáveis. Com a sensibilidade de sempre respeitar a população indígena, o trabalho tem conciliado as orientações de saúde e qualidade de vida com a diversidade cultural. Na sociedade terena, por exemplo, o casamento acontece logo após a primeira menstruação. Em geral, as mulheres têm seu primeiro filho antes dos 14 anos. Em média, a mulher índia tem seis filhos, desconhecendo data de nascimento e nomes dos mesmos. A proposta de atendimento mostrou-se necessária, ainda, ao constatar que a convivência com o homem branco tem sido maléfica à população indígena. O fato dos homens índios trabalharem nas plantações de cana-de-açúcar e destilaria de álcool e ali terem contato com prostíbulos acabou resultando em um alto índice de contaminação de doenças sexualmente transmissíveis também entre as mulheres indígenas. Sobre esta realidade, os acadêmicos partiram para um trabalho minucioso de orientação e educação.

METODOLOGIA

Num universo de 230 índias terena, de 35 a 65 anos, que participam do projeto, a equipe médica fez o primeiro contato e encaminhou-as para uma realização de

exames no Hospital Regional de Mato Grosso do Sul. Obteve-se, desta forma, um quadro geral e reconhecimento das condições de saúde da comunidade atendida, descobrindo as patologias de maior incidência nesta etapa de vida. As viagens até Campo Grande foram acompanhadas pelos agentes de saúde da Fundação Nacional de Saúde, FUNASA, e pelas professoras orientadoras responsáveis pelo projeto.

De posse destes dados, os universitários traçaram um plano de trabalho, realizando atendimentos mensalmente. As primeiras visitas duravam dois dias. Hoje, com o trabalho de levantamento de informações já realizado, é necessário apenas um dia - o sábado - para palestras, oficinas educativas e prevenção. A ação age no incentivo à busca de qualidade de vida por meio da educação para a saúde.

As palestras abordam:

- v Orientações sobre a saúde da mulher, priorizando a importância do preventivo de câncer de colo do útero e de mama, abordando o ensinamento do auto-exame;
- v Palestras educativas abordando os temas da gravidez na adolescência e DST/AIDS;
- v A importância do pré-natal e aleitamento materno para o bem-estar da mãe e do bebê;
- v Cuidados gerais, hábitos de higiene, prevenção, vacinas e exames protoparasitários;
- v Aferição da pressão arterial e noções sobre alimentação e risco da hipertensão oscilante e a necessidade e atenção preventiva;
- v Orientações sobre adolescência e sexualidade;
- v Sexo seguro com uso de preservativos;
- v Orientações quanto à mudança de comportamento da comunidade quanto ao consumo de álcool;

RESULTADOS

Nota-se que com o trabalho que vem sendo desenvolvido despertando uma consciência da importância de se cuidar. Aos poucos, as orientações levadas pelos universitários entram nas rodas de conversa da aldeia, ultrapassando barreiras comportamentais e culturais. Para os acadêmicos é uma forma de amadurecimento profissional e solidário, socializando conhecimento e integrando a comunidade com a realidade da UFMS, tornando-o crítico-social das condições sociais.

As palestras e debates sobre temas relacionados à saúde e educação além de ter conquistado a confiança e amizade da comunidade indígena, a capacidade de criar, improvisar e solucionar problemas em circunstâncias adversas - como a falta de recursos, o excesso de procura, superando o cansaço, a grande distância, a estrada de chão, o transporte deficiente, suportando o calor excessivo e ataques de mosquitos - superados pela alegria e o sorriso que a chegada do grupo causa à população indígena.

FICHA TÉCNICA

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

PROFESSOR (A) ORIENTADOR (A)

Dalva Mirian Coura Aveiro

ALUNO (S) RESPONSÁVEL (IS)

Sabrina Kênia Alves; Milena Eliza Jesus Góes; Josiane da Silva Souza; Ana Carolina P. Aragão

ALUNO (A) RESPONSÁVEL PARA CONTATO

Sabrina Kênia Alves

End. Campus Universitário, s/nº - Departamento de Morfofisiologia - CCBS -

Cidade Universitária

Campo Grande - MS

Cep: 79070-900

Tel: (67) 345-3536

E-mail: projuve@nin.ufms.br